

CELEIDA
TOSTES

—

VÊNUS
ANCESTRAL

23.3 – 18.5

Superfície

Vênus Ancestral

23.03

18.05

A Superfície tem o prazer de apresentar *Vênus Ancestral*, primeira individual dedicada ao trabalho de Celeida Tostes em São Paulo. Com texto de Pollyana Quintella, a mostra retoma a importante trajetória da artista que dedicou a vida ao diálogo entre arte e educação, ampliando o pensamento no campo da escultura.

Aprendiz de Maria Martinez — pesquisadora das técnicas ancestrais dos povos Tewa, Novo México, e referência internacional da cerâmica nativa norte-americana nos anos 1950 —, Celeida Tostes elegeu o barro como matéria-prima e suporte para suas experimentações. Distanciou-se do percurso de colegas vanguardistas para desbravar a própria linguagem artística através da cerâmica, na época ainda pouco investigada.

A artista trabalhou na construção de uma metodologia pedagógica que convidava alunos à pesquisa intuitiva e consciência corporal. Desenvolveu a *Oficina de Artes do Fogo e transformação de materiais* no Parque Lage, onde lecionou por mais de vinte anos. A consolidação de sua pesquisa

aconteceu em um projeto no Morro do Chapéu da Mangueira, em 1980, que visava a descoberta da matéria através do fazer, instigando os alunos ao resgate de suas próprias linguagens criativas.

A relevância de sua atuação como artista abriu espaço para que Celeida Tostes participasse de exposições importantes no cenário nacional e internacional. Além de apresentar *Projeto Gesto Arcaico* (1990-91) na 21ª Bienal de São Paulo (1991), a artista foi a representante brasileira da coletiva *Arquitetura de Terra ou O futuro de uma Tradição Milenar* (1981) organizada pelo Centre Georges Pompidou no Musée d'Art Moderne de Paris e que, posteriormente, itinerou para outras importantes instituições, como o MAM Rio, o MASP e a Fundação Calouste Gulbelkian, em Lisboa. Em 1996, pouco após seu falecimento, Celeida Tostes foi homenageada na II Bienal Barro de América, em Caracas.

Sua prática artística espelha os princípios que desenvolveu nas salas de aula: de forte caráter experimental, a produção de

Celeida atesta para sua pedagogia emancipatória, coletiva, conectada aos sentidos e aos elementos. Tema e matéria-prima se complementam: a terra e o feminino, bem como as temáticas relacionadas a eles — orgânico, fertilidade, sexualidade, maternidade, nascimento e morte —, são fios condutores da obra da artista que transforma o barro em corpos cerâmicos. Dentre as quase 30 obras presentes, a exposição apresenta: *Vênus e Guardiões*, que aludem, respectivamente, ao feminino e masculino, ao útero e ao falo, a gestação e ao movimento; *Selos*, trabalho que assinala aspectos importantes de sua produção, como a multiplicidade de assinaturas e a ideia de circuito; *Amassadinhos*, obra-síntese de sua produção, originada a partir do que a artista denominou *Gesto Arcaico*, o ato reflexo de fechar a mão sobre qualquer matéria.

Com uma trajetória que desafia a dinâmica do mundo da arte, Celeida Tostes usava de seu fazer artístico como ferramenta de transformação social, levando o trabalho para além da performance individual ou da construção do objeto.



Pollyana Quintella

Celeida de terra e fogo

*Minha oficina não é de cerâmica,
mas de artes do fogo*

—
Celeida Tostes

*A argila também será,
para muitas almas, um tema
de devaneios sem fim.
O homem se perguntará
indefinidamente de que lama,
de que argila ele é feito...*

—
Gaston Bachelard

Quando artistas adotam certas técnicas e materiais, também estão carregando consigo, por consequência, uma certa história do mundo. Cobre, bronze, ferro e vidro, por exemplo, são primitivos, largamente presentes nas civilizações pré-cristãs. Aço é coisa da Revolução Industrial. Alumínio é fruto do século XIX. Plástico é recente, do século XX. Cada um deles condensa uma experiência de tempo específica, pois refletem o esforço tecnológico das sociedades que os criaram, em busca não só de suprir necessidades, mas de expandir imaginários plásticos.

Tratar de cerâmica, segundo esta lógica, nos leva a recuar aos mitos de origem. Há vestígios da técnica que remontam há quase trinta mil anos atrás, quando as sociedades sedentárias mal se implementavam. Quem molda e queima uma matéria tão primitiva como a argila está acionando um tempo ancestral, que nos alimenta com a fantasia de um princípio de humanidade. Além disso, o tempo de formação natural desta substância tem uma amplitude igualmente desafiadora, pois depende de ciclos climáticos e geológicos. Para que os minerais argilosos se formem há toda uma lenta cadeia de eventos: rochas se desintegram, seus minerais sofrem decomposição, as partículas

resultantes de tal processo se deslocam e, eventualmente, se depositam em áreas de repouso como leitos de rios, lagos e oceanos. Com o tempo, são finalmente compactadas, dando origem ao que chamamos de argila.

Celeida Tostes trabalhou uma vida inteira em busca desse tempo primevo. Nos anos 1970 e 1980, enquanto o Brasil atravessava transformações de difícil palpabilidade, exigindo a coragem de trafegar por um mundo caótico e fragmentado, a artista dava forma ao barro como quem busca tocar o real, compreendendo o fazer artístico como um ritual marcado por um tempo cíclico, cujo sentido se dá através da repetição. Se grande parte dos artistas de sua época (a celebrada “geração 80”, cuja diversidade ainda precisa ser melhor circunscrita) respondia ao frenesi das imagens, ela optou por atuar na contramão do fluxo da cidade em busca de arquétipos adormecidos na memória. Quando realizou *Passagem*, em 1979, escreveu um poema sobre a ação: “O tempo perdeu o sentido de tempo. / Cheguei ao amorfo. / Posso ter sido mineral, animal, vegetal. (...) / A história não existia mais”¹

Trata-se de sua obra mais emblemática. Depois de realizar as

¹ TOSTES, Celeida. In: COSTA, Marcus de Lontra; SILVA, Raquel. Celeida Tostes. Rio de Janeiro: Memória Visual, 2014, p.

Fendas, esculturas circulares e uterinas, que revelavam através de um orifício outros objetos em seu interior, a artista quis misturar-se com seu próprio material de trabalho, ampliando o tamanho do útero para caber inteira dentro dele. Em seu apartamento, no Rio de Janeiro, cobriu seu corpo com argila e submergiu em um grande vaso de barro fresco. Duas assistentes cobriram o vaso até fechá-lo, mantendo-a cerrada lá dentro como se dentro de um ovo ou de uma urna funerária. Celeida rompeu a estrutura projetando seu corpo para fora, fazendo-se criatura de sua própria obra e entrelaçando códigos de vida e morte.

Seu modo de articular o manejo do barro com performance e fotografia contribuiu para reposicionar o material na cena artística, na contramão da concepção ingênua que o restringia ao artesanato e à produção utilitária. Afinal, Celeida buscava o arcaico, mas queria ser reconhecida por sua contemporaneidade. Naquela mesma década, sua ação poderia ser relacionada à prática de Ana Mendieta, que já realizava suas *Silhuetas* com terra, numa combinação singular de *land art*, *body art* e performance, ou de Giuseppe Penone, que explorava a lógica indiciária da argila, imprimindo seu próprio torso sobre a matéria.

Se em todos eles é a própria vitalidade do corpo que fornece os parâmetros da obra, em Celeida trata-se de um corpo específico: um corpo grávido ou corpo-mãe. Interessa-lhe o fenômeno de uma forma que gera outra, o cheio e o vazio da barriga. A fenda vaginal é explorada como um buraco que estrutura as peças, em geral reforçando uma relação de dentro e fora. Isso se faz presente não apenas em *Fendas e Passagem*, mas numa parcela muito abrangente de sua obra, que vai das *Vênus* barrigudas aos ninhos-úteros de *João de Barro*, às centenas de ovos e às *Rodas e Mós* (forma utilizada para moer grãos), essas últimas não mais centradas na narrativa de um corpo feminino, mas ainda primordiais, transportando-nos para o imaginário pré-industrial.

Nessas produções, notamos uma simplificação da forma escultural biomórfica, em direção ao unitário, sobretudo através de um certo arredondamento das figuras. Por vezes, as *Vênus* são tão sintéticas que quase se confundem com as *Feramentas*, de escala similar. Sua analogia formal parece indicar que o espiritual e o utilitário não se distinguem, mas se complementam.

Com a série *João de Barro*, que chamou de “confronto entre dois ceramistas: o pássaro com sua

tecnologia genética e eu, com minha tecnologia conquistada”², Celeida buscou refazer a técnica de construção de ninho do animal utilizando barro, palha de arroz, capim e estrume de boi, assim como saliva de diversos voluntários, em busca de uma melhor composição química para dar liga à sua composição. Realizou dezenas deles, adicionando elementos como ovos que se alojavam em sua porta de entrada. Por similitude, tais ninhos nos levam a reconhecer o útero como arquitetura, e chamam atenção para o jogo entre o inato e o adquirido, o dado e o construído, as ideias modernas de natureza e cultura, em última instância.

Mas não era apenas a exploração da interioridade ao qual o buraco conduz que interessava a artista. Era preciso saber mediar com o fora, ambicionando um espaço público que demandava ser reconquistado num período de reabertura democrática. Celeida conciliou a intimidade do amuleto portátil, cujo abrigo é a palma da mão, com a monumentalidade da escultura pública, com os seus *Guardiões* que alcançam até quatro metros de altura³, contraponto fálico à produção precedente. Com isso, traçou um jogo delicado entre o público e privado, desafiando a domesticidade erroneamente

² Revista Arte-manha, edição de dezembro de 1981.

³ Para as peças de grande porte, a maioria realizada em seu apartamento no Jardim Botânico, desenvolveu uma técnica que consistia em utilizar materiais como PVC, isopor, arame e jornal para desenhar a estrutura a ser envolvida pelo barro, numa espécie de concreto armado ao contrário. Ver Jornal O Fluminense, 2 de fevereiro de 1987, “Celeida Tostes expõe na Galeria Cesar Aché”.

a compra dos utensílios de alumínio pela produção de outros de barro, material em abundância e boa qualidade naquele morro. Suas ambições, porém, iam além das coisas práticas, pois instigavam construir um outro senso de comunidade e resgate da memória de uma população majoritariamente imigrante, deslocada de seus contextos afetivos originais. Uma vez por semana, o grupo costumava, fazia bonecas e queimava o barro em forma de pratos, bules e tijolos no forno construído em mutirão pela própria comunidade. Além disso, Celeida levava seus alunos do Parque Lage para subir o morro, explorando conhecimentos sobre diversos materiais encontrados (barro, calcário, usos da terra, adaptados por substâncias que se apanha no lixo), material de refugio e o chamado lixo urbano. O desejo da artista era expandir seu projeto para outros lugares, em especial a Rocinha, o morro da Babilônia, Morro dos Cabritos, Vidigal e Engenho da Rainha. Ver Jornal do Brasil, 17 de janeiro 1987, “Uma escultura incomoda muita gente”, Reynaldo Roels Jr.

TOSTES, Celeida. In: COSTA, Marcus de Lontra; SILVA, Raquel. Celeida Tostes. Rio de Janeiro: Memória Visual, 2014, p. 112.

6

Selecionado pelo V Salão Nacional de Artes Plásticas, em 1982, o muro deveria ser exposto no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, apesar de ter sido relegado ao lado de fora do museu. Consistiu numa parede de 16 metros de largura, feita de tijolos de adobo, através de 100 voluntários, entre seus alunos do Parque Lage e integrantes do projeto do Chapéu Mangueira. No ano seguinte, em 1983, a artista foi convidada a expor na 17ª Bienal Internacional de São Paulo e apresentou um novo projeto de Muro, agora envolvendo os detentos de uma penitenciária em São José do Rio Preto na produção. A Bienal não topou.

7

Curiosamente, os amassadinhos estabelecem um bonito diálogo com a obra My Hands are My Heart (1991) de Gabriel Orozco.

8

“O trabalho realizou-se no presídio Frei Caneca, no Morro do Chapéu Mangueira, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Parque Lage, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, com gente que passava, com doutores da COPPE da UFRJ, com empregadas domésticas, com meninos de rua” TOSTES, Celeida. In: COSTA, Marcus de Lontra; SILVA, Raquel. Celeida Tostes. Rio de Janeiro: Memória Visual, 2014, p. 168

9

O ELOGIO DA MÃO. VI Capítulo do livro «O mundo das formas» (Vie des Formes), de Henry Focillon, 1934. Ed. Sousa e Almeida, p.34

atribuída à técnica com a qual trabalhava e ao seu próprio lugar de mulher artista.

Tal “fora” seria fruto de sua importante atuação como educadora e articuladora de ações comunitárias⁴, algo que aproximou seu processo de trabalho de uma dimensão coletiva e compartilhada. Nos anos 1980, enquanto conduzia sua importante oficina de artes do fogo no Parque Lage, desenvolveu com a Associação Morro de Chapéu Mangueira um Centro de Cerâmica Utilitária usando o barro do morro como matéria-prima⁵. A partir daí, muitas de suas obras passaram a ser desenvolvidas através de mutirões, moldadas por muitas mãos, o que lhe permitiu ampliar a escala e a complexidade da produção: “Meu material brigava com a verticalidade e, meu corpo, para o alto, não alcançava muito. (...) Procurei os amigos. (...) Corpos em movimento acrescentavam à obra uma energia que se somava à minha”.⁶

Daí advém não apenas os *Guardiões*, mas seu importante *Muro*⁷ e os chamados *Amassadinhos*, feitos a partir do que a artista chamou de gesto arcaico: a ação simples da mão que fecha em seu bojo o barro macio, sem grandes intenções escultóricas senão cunhar uma espécie de impressão digital.⁸

Apesar de hoje estarem divididos em pequenos grupos, eles foram originalmente apresentados na 21ª Bienal de São Paulo (1991), num conjunto de 20 mil peças realizadas em mutirão, fazendo “a mão da criança de um ano se encontrar com a mão do presidiário”.⁹

Esse vazio da mão que dá forma ao barro nos leva de volta ao oco, a fenda que sela as relações entre dentro e fora que definem o cerne da obra da artista, e cujos desdobramentos podem ser notados nas obras de uma Anna Maria Maiolino ou uma Brígida Baltar, também oleiras ao seu modo. Celeida parece exercer aquilo que Henry Focillon bem descreveu quando disse que “a ação da mão define o oco do espaço e o pleno das coisas que o ocupam. Superfície, volume, densidade e peso não são fenômenos ópticos. Foi entre os dedos, no oco da palma das mãos, que o homem primeiro os conheceu.” Eis a lição de uma obra que, buscando investigar de que lama fomos feitos, amplia a consciência de nosso corpo em relação ao corpo do mundo.

4

A atuação como professora acompanhou toda a carreira da artista. Nos anos 1960, lecionou esmaltação em metal no Curso de Artes Industriais do INEP/MEC. Depois, passou a atuar como professora da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro, até assumir, em 1975, sua famosa Oficina de Artes do Fogo e transformação de materiais, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, sob a gestão de Rubens Gerchman, onde atuaria até 1989. Ao final da vida, Celeida ainda seria professora de cerâmica da Escola de Artes/Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, exercendo o cargo entre 1989 e 1992. Para saber mais sobre sua pedagogia, vale consultar o texto de Cristiana Tejo, “A pedagogia radical de Celeida Tostes”, 2023.

5

No Chapéu Mangueira, a artista apostou numa tecnologia alternativa de sobrevivência, na esperança de que a comunidade substituisse





Passagem

—

1979

Impressão sobre
papel fotográfico

Conjunto de 20 imagens

23,5 x 35 cm [horizontais]

35 x 23,5 [verticais]

—

©Henri Stahl ©Celeida Tostes





Sem Título

—

Da série Ovos, S/D

Cerâmica

30 x 30 x 8 cm



Sem Título

—

Da série *Fendas*, Déc. 1970

Cerâmica

22 x 22 cm







Vênus

—

Déc. 1980

Cerâmica

25 x 11 x 7 cm



João de Barro

—

S/D

Cerâmica

20 x 23 x 17 cm



João de Barro

—

S/D

Cerâmica

19 x 19 x 19 cm



João de Barro

—

S/D

Cerâmica

20 x 20 x 20 cm



Vênus Ancestral

—

Da série *Ferramentas*, 1979

Cerâmica

47 x 32 x 9 cm



Sem Título

—

Déc. 1970

Cerâmica e ferro

25 x 28 x 28 cm



Sem Título

—
Déc. 1970

Cerâmica e ferro

12 peças medindo

entre Ø 19 e Ø 31 cm [cada]





Vênus

—

Déc. 1980

Cerâmica

46,6 x 15,5 x 11 cm



Sem Título

—

Da série *Rodas*, 1983

Solo-cimento

50 discos

Ø 5 cm [cada]



Guardião

—

Déc. 1980

Cerâmica

36 x 15 x 9,5 cm





Mó
—
Déc. 1980
Solo-cimento
Ø 90 cm



Amassadinhos

—
1991

Barro

70 peças medindo
entre Ø 5 e Ø 15 cm [cada]

—
Exposição:

21ª Bienal de São Paulo (1991)





Vênus

—

Déc. 1970

Cerâmica

12 x 6 x 5 cm



Sem Título

—

Da série *Vênus*, Déc. 1970

Cerâmica

7 peças medindo

entre 3 e 14 cm [cada]

Sem Título

—
Das série *Bastões, Rodas*
e *Ferramentas*, Déc. 1970
Cerâmica
18 peças medindo
entre 3 e 14 cm [cada]





Vênus

—

Déc. 1980

Cerâmica

42,3 x 16,2 x 11 cm





Guardião

—

Déc. 1980

Cerâmica

57 x 17 x 11 cm



Guardião

—

Déc. 1980

Cerâmica

37 x 16 x 12 cm



Sem Título

—
Das séries *Vênus*, *Rodas* e
Ferramentas, Déc. 1970
Cerâmica
17 peças medindo
entre 3 e 14 cm [cada]

Sem Título

—
Da série Selos, 1982
Cerâmica
Aprox. 5 cm [cada]



**Sem Título**

—
Da série *Rodas*, 1983
Solo-cimento
Conjunto de 20 peças
Aprox. Ø 50 cm [cada]







Guardião

—

Déc. 1980

Solo-cimento

150 x 60 x 40 cm



Beijinho

—

Déc. 1970

Cerâmica

83 x 26 x 25 cm



Vênus e Guardiã

—

Déc. 1970

Cerâmica

40 x 20 x 20 cm [cada]



Guardião

—

S/D

Cerâmica

36 x 16 x 16 cm





Sem Título

—

Da série *Urnas*, Déc. 1980

Cerâmica

34 x 22 x 22 cm



Sem Título

—

Da série *Urnas*, Déc. 1980

Cerâmica

26 x 26 x 26 cm



Sem Título

—

Da série *Urnas*, Déc. 1980

Cerâmica

33 x 23 x 23 cm



Henri Stahl

A terra é a matéria-prima de todos os materiais com que o homem plasma sua vida. É também a mais dócil e duradoura, pois, de pó a pó, ela nutre e abriga o homem na sua aventura. Misturada ao suor, endurecida no calor, ela toma as formas que o espírito ou o corpo do homem lhe pedem. Transmutada em objeto, a terra torna-se linguagem e leitura dos milênios silenciosos. Quando o fogo foi domesticado num útero de barro, nasceu o homem moderno.

Celeida criou-se no campo, onde a chuva cai, o vento venta, o céu tem estrelas; o fogo, labaredas e as crianças, fascínios mudos. Um dia, de amor ou medo, viu ela com olhos mágicos de infância a terra nascer, a terra morrer, o fogo dançar no negrume frio. Era a morte de um ser querido.

Depois, a vida veio vindo, estações e lugares passando, o tempo deixando marcas, crianças nascendo, gente lutando e sonhando, enfim, a vida de todos nós.

Do encontro com a terra, o fogo e o forno nasceu a ceramista Celeida Tostes. A sua fidelidade aos deuses anímicos não somente facilita a interpretação de sua obra, como também lhe dá a unidade. Sem dúvida, é mais fascinante

acompanhar as suas andanças que esmiuçar os seus pousos, pois sua procura compulsiva nos leva a mergulhar no passado do homem e, conseqüentemente, no inconsciente de cada um de nós.

O diálogo das mãos com a terra, a excitação de brincar com o fogo no santuário-forno, revela todo o conteúdo mágico da arte primitiva.

Aos poucos, Celeida torna-se arquetípica naquilo em que, às vezes, esse conceito coincide com o antropológico. O que de moderno, experimental, há na arte dela é arcaico. Cavando em si mesma, dos *tumuli* do seu reino soterrado, ela traz à luz as formas obstinadas que marcaram as culturas humanas. Celeida redescobre o outro, múltiplo, conceitual, e é através do anônimo que ela nos guia naqueles subterrâneos individuais que queremos ignorar. Quem for exclusivamente racional que levante a mão!

Celeida é uma artista de uma só fase: cada vez mais longe, cada vez mais fundo. Distanciando-se da superfície convencional, a sua matéria-prima, o barro ancestral, despoja-se lentamente da rima visual para procurar febrilmente a sensualidade da mão se espojando na maciez untuosa.

Potes. Potes fechados, promessas pudicas, ciumentas, herméticas. Um dia as bolas racham, surgem vaginas lubrificadas, oferecendo o vazio interior que espera e clama. Vazio matriz, forno, útero. É a crise. Vida e arte se confundem. Em ritual de passagem, Celeida refugia-se num útero de barro, e quando este se rompe, fecundo, expulsa a cria e a placenta para uma nova vida, suja e perdoada. Pela abertura das bolas, antes vazias, fetos nos espreitam, já sexuados, futuros continuadores da espécie.

Irmã ceramista do joão-de-barro, Celeida entremeia as construções uterinas do pássaro com as suas homenagens-réplicas numa espiral mágica. Na simplicidade e eficiência do ninho encontra a técnica e o modelo de suas obrigatórias obsessões; espaço ritual, sexualidade, fertilidade.

A matéria-prima, argila, por mais que possa ser moldada em 'arte', traz em si o destino de utilitário, urnas funerárias, potes de cozinha, silos para grãos... Mas a solidão de Celeida necessita da coletividade da tribo. Mutirões de dezenas de voluntários anônimos erguem um ciclópico muro de adobe, e em Chapéu Mangueira os favelados, guiados por Celeida, descobrem uma nova profissão.

Enquanto o muro se ergue, a compulsiva Celeida fabrica milhares de pequenos tabletes, gravados com signos esotéricos, e com o muro terminado descobre num livro de arqueologia os selos de fundação sumerianos...

Mas a viagem continua, cada vez mais longe, cada vez mais fundo. Agora, já estamos nas cavernas magdalenianas; fetiches, totens se amontoam nas prateleiras e nos parques, às vezes tão estranhos que parecem vindos de outro planeta, desproporcionais na sua pequenez ou na gigantesca dignidade, que impede o espectador de fazer mais que um comentário superficial. Mas as crianças e os sensíveis, os simples, brincam e sonham com eles.

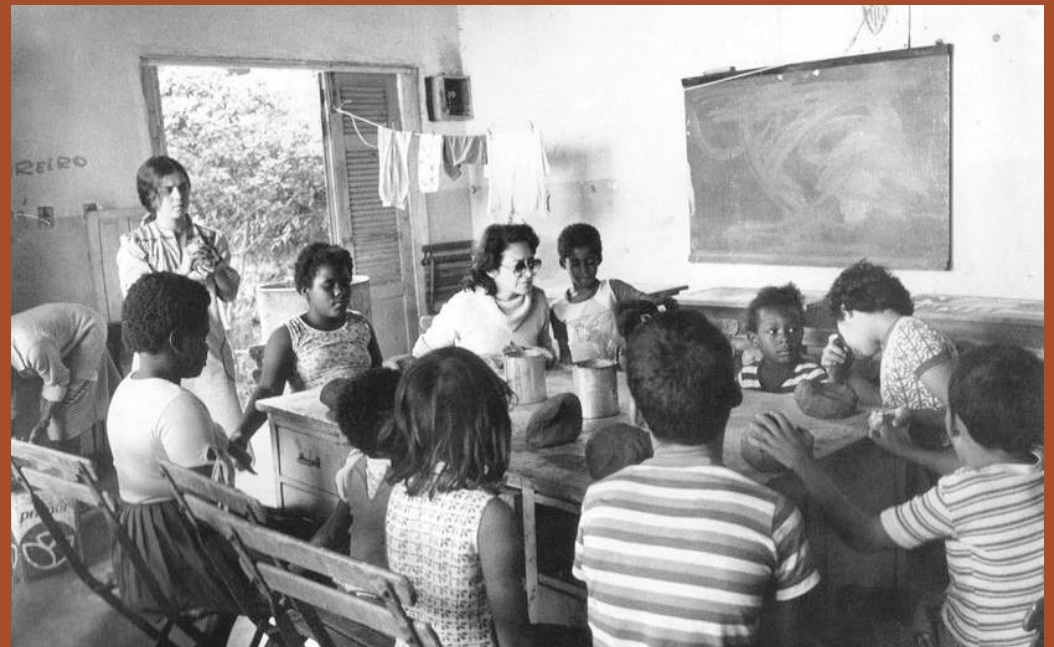
Agora, as formas, vênus calipígias, ferramentas desconhecidas, regridem (ou avançam) até os informes achados das cavernas, dos pedaços de terra que de humano só levam as marcas das mãos. Além, não há mais nada. O homem ainda não existia. Para onde caminha Celeida infante numa fazenda do interior? Para as pegadas dos grandes répteis? Para o barro mineral de um globo isento de humanos, quando o Mistério e a vida ainda aprendiam o caminho da consciência?

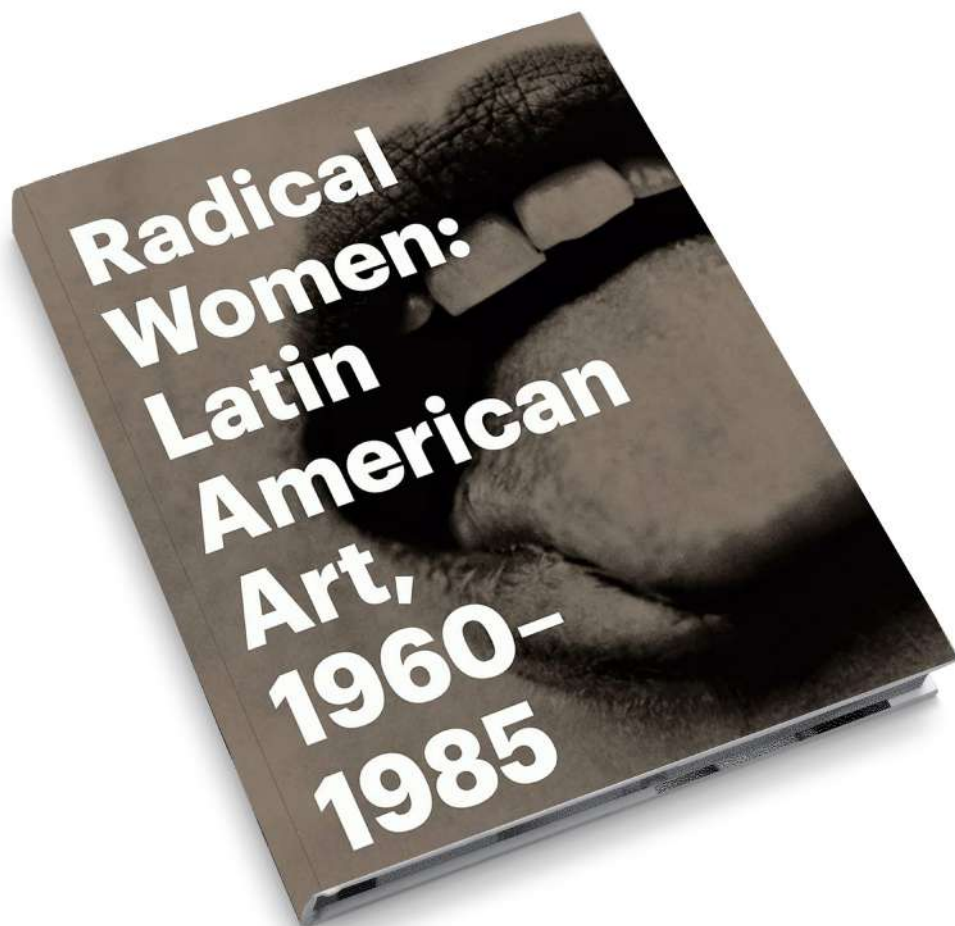
Mas o contato não está rompido entre a mística do caos e a marca do *Homo faber*; uma gigantesca roda, ou pedra de mó, ou engrenagem, circular e centrada num furo de eixo, nos traz de volta à praticidade contemporânea.

Não é o caos que Celeida procura; é a permanência.

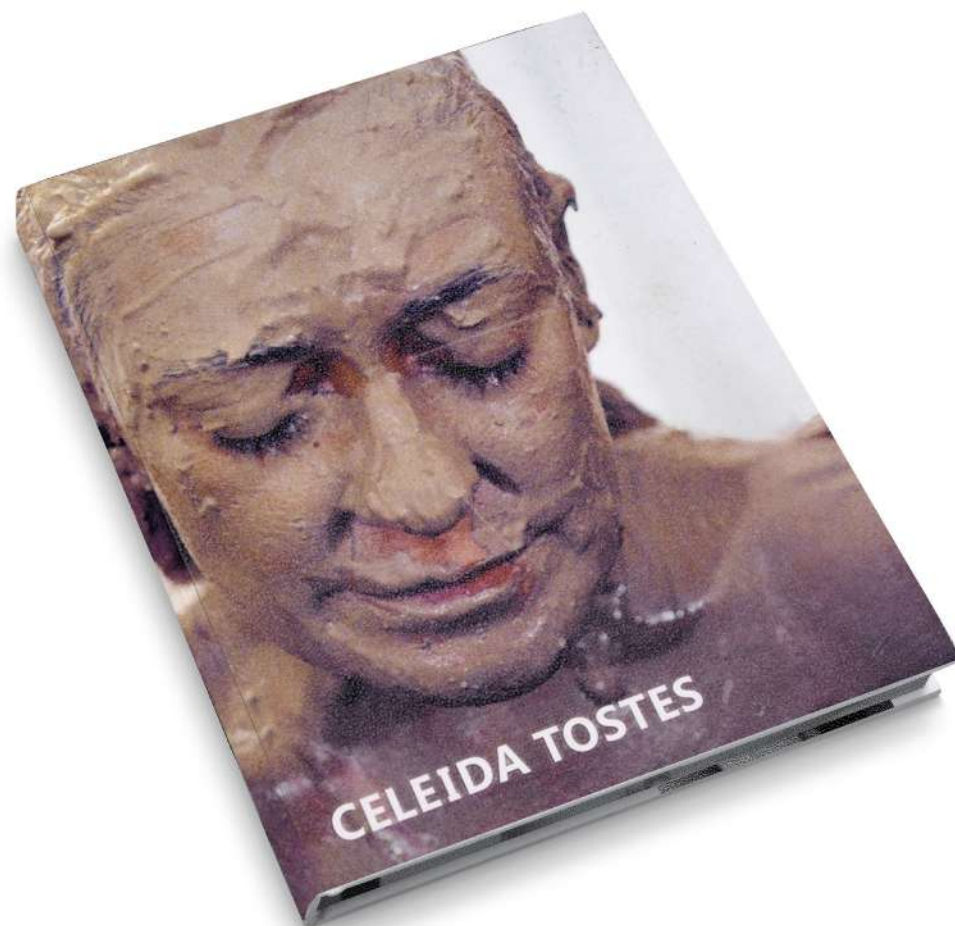
Acredito que, para ser compreendida, Celeida gostaria de trocar o olhar surpreendido do espectador pela mão que, ousando pegar um pouco de barro, o apertasse como oferenda e comunhão.

Para alcançar a esperança do amanhã, é preciso mergulhar até os gestos primevos, os rituais iniciatórios, fraternais ou canibais, das cavernas.

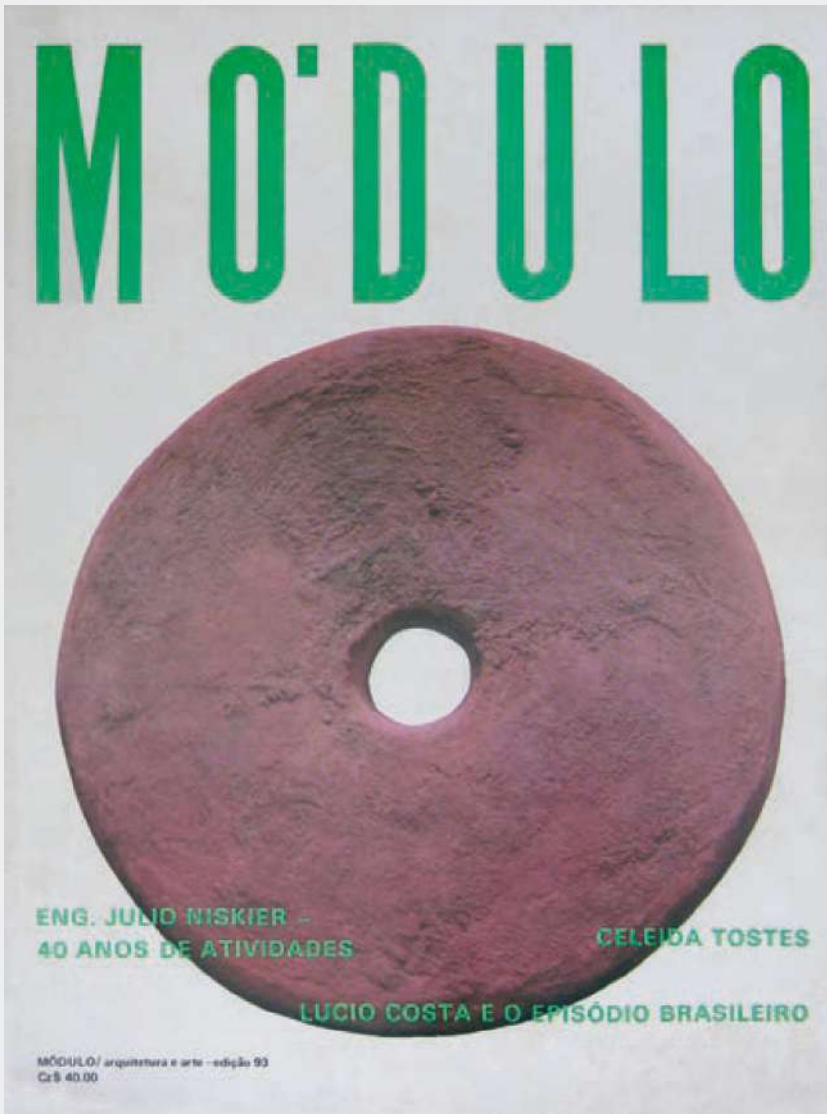




Celeida integrou a exposição *Radical Women: Latin American Art, 1960 — 1985* organizada por Cecilia Fajardo-Hill e Andrea Giunta entre 2017 e 2018, e que esteve em cartaz no Hammer Museum da Universidade da Califórnia, no Brooklyn Museum e, posteriormente, na Pinacoteca de São Paulo.



Livro *Celeida Tostes*, organizado por Marcus de Lontra Coste e Raquel Silva com consultoria de Luiza Aquila, publicado em 2014.



Roda na capa da Revista *Módulo*, edição 93, 1987

O GLOBO

SEGUNDO CADERNO

Rasi: Texto inédito escrito para coletânea de crônicas • 8

SEGUNDA-FEIRA, 25 DE ABRIL DE 2003

66. TOSTES em Celeida Tostes da escultura de sua obra

A grande mãe

Exposição celebra a obra da escultora Celeida Tostes, mestra da Geração 80

UMA SÉRIE DE PAIXÃO, ligada ao mundo das artes plásticas, da escultura, da pintura, da literatura, da música, da dança, da arquitetura.

antes da exposição. Celeida não foi apenas uma mulher, mas também uma mulher brasileira e brasileira.

Publico vai fazer "Amassadinhos"

• Celeida nasceu em 1921. Desde os 16 anos, ela trabalhou e viveu de forma independente. Sempre disponível a ajudar quem precisava, ela viveu de sua arte. Quando foi descoberta, em um estado de saúde precária, ela viveu de sua arte. Hoje, ela vive de sua arte. Hoje, ela vive de sua arte. Hoje, ela vive de sua arte.

• Celeida nasceu em 1921. Desde os 16 anos, ela trabalhou e viveu de forma independente. Sempre disponível a ajudar quem precisava, ela viveu de sua arte. Quando foi descoberta, em um estado de saúde precária, ela viveu de sua arte. Hoje, ela vive de sua arte. Hoje, ela vive de sua arte.

• Celeida nasceu em 1921. Desde os 16 anos, ela trabalhou e viveu de forma independente. Sempre disponível a ajudar quem precisava, ela viveu de sua arte. Quando foi descoberta, em um estado de saúde precária, ela viveu de sua arte. Hoje, ela vive de sua arte. Hoje, ela vive de sua arte.

Obra que refaz o ciclo da vida

• A obra de Celeida Tostes é uma obra que refaz o ciclo da vida. Ela nasceu em 1921, em São Paulo, e viveu de sua arte. Ela nasceu em 1921, em São Paulo, e viveu de sua arte. Ela nasceu em 1921, em São Paulo, e viveu de sua arte.

Barro deu vida nova às mulheres do Chapêu Manguieira

Nos anos 80, artista mudou rotina da favela do Leme com a criação de um Coletivo das Artes

• Celeida nasceu em 1921. Desde os 16 anos, ela trabalhou e viveu de forma independente. Sempre disponível a ajudar quem precisava, ela viveu de sua arte. Quando foi descoberta, em um estado de saúde precária, ela viveu de sua arte. Hoje, ela vive de sua arte. Hoje, ela vive de sua arte.

• Celeida nasceu em 1921. Desde os 16 anos, ela trabalhou e viveu de forma independente. Sempre disponível a ajudar quem precisava, ela viveu de sua arte. Quando foi descoberta, em um estado de saúde precária, ela viveu de sua arte. Hoje, ela vive de sua arte. Hoje, ela vive de sua arte.

• Celeida nasceu em 1921. Desde os 16 anos, ela trabalhou e viveu de forma independente. Sempre disponível a ajudar quem precisava, ela viveu de sua arte. Quando foi descoberta, em um estado de saúde precária, ela viveu de sua arte. Hoje, ela vive de sua arte. Hoje, ela vive de sua arte.

Matéria de 2003 no jornal *O Globo* sobre a exposição *Arte do Fogo, do Sal e da Paixão*

Para celebrar a arte e a vida

Celeida Tostes ganha festa e exposição dos amigos na Saramenha

PAULO REIS

No dia próximo 26, a grande dama da escultura carioca, Celeida Tostes, faz 65 anos. E os amigos vão se reunir para soprar as velinhas em grande estilo. Um grande bolo será partido na galeria Saramenha. Mas é no último dia de maio, 31, que a festa chega ao seu ápice. A mostra *Sob o signo de gnomos* vai reunir 35 dos mais conceituados artistas brasileiros numa única exposição. Tudo o que for vendido será revertido na compra de obras da escultora, para ajudá-la num tratamento de saúde.

"Nós, amigos artistas, fizemos um pacto: quem vender um quadro ou escultura, compra uma obra de Celeida. Com essa quantia ela vai poder continuar seu trabalho", diz Luiz Aquila. Mas lembra o pintor que esta também é uma forma das pessoas adquirirem obras de uma grande escultora. Celeida está em estado de graça. Ela afirma que sua participação é apenas para receber beijos e abraços dos amigos. "Esta celebração vai ser uma coisa dos artistas que trabalharam comigo. A gente viveu muita coisa boa junta, aquelas situações todas dos anos 60 e o convívio com o pessoal do Parque Lage", conta a artista, que lecionou na EAV (Escola de Artes Visuais) à convite do pintor Rubens Gerchmann. Hoje Celeida se divide entre as aulas na Escola de Belas Artes, no Fundão, e o seu ateliê.

Ha alguns anos, quem dividia o ateliê com Celeida foi o escultor Angelo Venosa. Ele fala de uma expressão muito utilizada por ela que traduz sua forma de ver a vida: "Ma-ra-vi-lha. É a expressão básica dela, com separação de sílabas e tudo. Celeida é uma das artistas injustamente esquecida dentro da geração de

la, relegada. Seu trabalho é superceoso. Mostra que ela tem uma trajetória muito consistente, que acredita no que faz e não separa arte e vida. Uma lição forte e bonita".

Beatriz Milhazes, amiga e admiradora de Celeida, endossa o coro. "Ela é a mais importante artista no Brasil na questão do trabalho com a terra. Celeida, além da questão plástica, tem em seu trabalho a parte social, feita junto a populações carentes. Através da arte, ela atingiu a todos os segmentos sociais", avalia.

O amigo escocês Charles Watson, que ficou residente no Brasil por causa da ajuda da escultora, revela que Celeida o

apresentou ao país. "Foi ela que me levou para o Parque Lage para lecionar e me conseguiu o visto de permanência. Ela é uma pessoa de extrema importância, não só para mim, também para a arte. Eu acho que a Celeida é uma artista e uma educadora de extrema importância, cujo trabalho tem muito pouco reconhecimento. Ela tem importância pelo que representa", afirma.

Celeida conta como foi a formação da amizade deles. "Eu estudei no País de Gales como bolsista do Conselho Britânico. Quando Charles veio para o Brasil, o Conselho deu como indicação o meu endereço. Um namorado meu é que deu um visto de emprego para ele ficar. O namoro acabou, mas a permanência dele não. E a nossa amizade é eterna", relata.

Esta festa não é o espírito Celeida, partiu da vontade dos amigos Luiz Aquila e do fotógrafo Sergio Porto. "Celeida é uma artista fantástica, uma pessoa maravilhosa e sempre foi muito alto astral. E é isso que vamos fazer: juntar os amigos para comemorar essa pessoa", diz Sergio. Dos amigos antigos como Aluisio Carvão, Roberto Magalhães, Luiz Alphonsus e Maria do Carmo Secco aos novos (Daniel Senise, Chico Cunha, Luiz Ernesto etc), ninguém ficará de fora da festa da *Fernanda Montenegro* das artes plásticas cariocas.

12/08/91 — Marcia Kranz



Celeida, um dos nomes mais importantes da escultura brasileira: apoio de 35 artistas

UM TRIBUTO À ALQUIMISTA CELEIDA TOSTES

Livro que será lançado hoje faz inventário da artista que simbolizou uma era no Parque Lage

NANI RUBIN
nani@oglobo.com.br

Numa tarde dos anos 1980, Marcus de Lontra Costa e Luiz Aquila, diretor e professor da Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage, conversavam com um aluno talentoso, mas que só desenhava cavalos, para convencê-lo a mudar o tema. Com a chegada de Celeida Tostes, tentaram cooptá-la para o objetivo.

— Ah, você pinta cavalos? Que ótimo, continue a pintá-los — disse ela, para espanto de seus colegas, a quem esclareceu: — Ele tem muito cavalo dentro dele. Tem que pintar cada vez mais, um dia vai vomitar tudo, os cavalos vão acabar e ele vai virar artista.

A anedota é contada por Lontra, organizador, com a jornalista Raquel Silva, do livro "Celeida Tostes" (editora Aeroplano, 360 páginas), que será lançado hoje, às 19h, na mesma EAV on-



DMULDAÇÃO/CELSO GUMARÃES



Barro. Celeida no Parque Lage, em aula de sua Oficina de Artes do Fogo, e, acima, envolta em argila na capa do livro, em foto de Henri Stahl

de Celeida (1929-1995) implantou a Oficina de Artes do Fogo e de Transformação de Materiais. Para os autores, a publicação vem reparar uma lacuna com a artista, considerada uma aglutinadora das propostas introduzidas por Rubens Gerchmann quando criou a EAV, em 1975.

— A ideia que a gente tem do

Parque Lage como um centro inovador de ensino é muito fruto da ação didática da Celeida — diz Lontra. — Ela botava as pessoas para pirar.

Ou *celeidar*, verbo criado por Aquila, artista e professor na escola no mesmo período e grande amigo de Celeida.

— Quando tinha alunos que

sentia muito rígidos, presos, eu dizia que estava na hora de *celeidar*, e os mandava para ela — conta ele, que fez a consultoria do livro e conduziu uma conversa com dois alunos da artista, Jorge Emmanuel e Ricardo Ventura, reproduzida no volume.

Além de textos de Lontra Costa, Raquel Silva (sobre a oficina de Celeida no morro do Chapéu Mangueira, no Leme) e Daniela Name, entre outros, o livro traz uma extensa biografia; o registro fotográfico, de Henri Stahl, do trabalho "Passagem" — em que, coberta de argila, ela se fechou num pote de barro — e imagens da totalidade de obras da artista. Hoje, no lançamento, Lontra Costa, Raquel, Aquila e o artista Flávio Romano participam de mesa-redonda. ●

"CELEIDA TOSTES"

Autores: Marcus Lontra Costa, Raquel Silva (org.) e Luiz Aquila (consultoria)
Editora: Aeroplano
Quanto: Distribuição gratuita no lançamento, hoje, às 19h, na EAV — Rua Jardim Botânico 414 (3257-1800)

Celeida no *Jornal do Brasil* como a "grande dama da escultura carioca"

Matéria de 2014 no jornal *O Globo* para o lançamento do livro *Celeida Tostes*

Exposições Individuais [Solo Exhibitions]

2024

Vênus Ancestral. Galeria Superfície, São Paulo, Brasil.

2003

Arte do Fogo, do Sal e da Paixão. Centro Cultural Banco do Brasil (CCBBRJ), Rio de Janeiro, Brasil.

Requiém para Celeida, performance e vídeo, Galeria de Arte da UFF, Niterói, Brasil.

2002

Fertilidade. Espaço Antonio Bernardo, Rio de Janeiro, Brasil.

1994

Galeria Saramenha, Rio de Janeiro, Brasil. Esculturas, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil. Esculturas e Vídeo-arte “Celeida Tostes” Sala Ismael Nery, Centro de Artes Calouste Gulbekian, Rio de Janeiro, Brasil.

1991

Mós e Bastões, Salão Casino Icarahy, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil.

1990

Tempo de Trabalho, Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil.

1987

Esculturas, Galeria César Aché, Rio de Janeiro, Brasil.

1979

Cerâmicas. Galeria Rodrigo Mello Franco de Andrade, Funarte, Rio de Janeiro, Brasil.

1959

University of Southern Califórnia, Los Angeles, Estados Unidos.

Participações em Bienais [Biennials attendences]

1992

1ª Bienal Barro de América, Museo de Arte Contemporâneo de Caracas Sofía Imber, Caracas, Venezuela

1991

21ª Bienal Internacional de São Paulo, Fundação Bienal, São Paulo, SP - com o projeto Gesto Arcaico

1988

1ª Bienal de Escultura ao Ar Livre do Rio de Janeiro, Parque Lage, RJ

1986

1ª Bienal do Barro de Porto Rico - artista homenageada, San Juan, Porto Rico

Exposições Coletivas [Collective Exhibitions]

2022

37º Panorama de Arte Atual Brasileira — Sob as cinzas, brasa. Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP), São Paulo, Brasil.

2021

Composições para tempos insurgentes. Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ), Rio de Janeiro, Brasil.

Estado Bruto. Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ), Rio de Janeiro, Brasil.

Constelação Clarisse. Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brasil.

2018

Mulheres Radicais: arte latino-americana, 1960-1985. Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil.

2017

Coleção MAC Niterói: arte contemporânea no Brasil. Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC Niterói), Rio de Janeiro, Brasil.

2011

Escolha do artista, Patrícia Costa Galeria de Arte, Rio de Janeiro, RJ

2009

O Jardim da Oposição, Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro, RJ

2006

Revisitando a obra de Celeida Tostes, vídeo de Elaine R. Santos, Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

2005

Homo Ludens: do faz-de-conta à vertigem. Itaú Cultura, São Paulo, Brasil. O’Brasil – da terra encantada à aldeia global, Palácio Itamaraty, Brasília, Brasil.

2002

A Recente Coleção do MAC. Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC Niterói), Rio de Janeiro, Brasil.

Caminhos do Contemporâneo: 1952/2002. Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil.

2000

O Século das Mulheres: algumas artistas. Casa de Petrópolis, Instituto de Cultura, Rio de Janeiro, Brasil. Brasilidades. Centro Cultural Light, Rio de Janeiro, Brasil.

1999

Esculturas Contemporâneas no Jardim de Glaziou, Casa de Petrópolis Instituto Cultural, Petrópolis, Brasil.

1998

Tridimensionalidade na Arte Brasileira do Século XX. Itaú Galeria, Distrito Federal, Brasília, Brasil.

1997

Tridimensionalidade na Arte Brasileira do Século XX. Itaú Galeria, Distrito Federal, Brasília, Brasil.

1996

Impressões Itinerantes. Fundação Clóvis Salgado. Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil. Coleção Carioca João Bosco, Espaço Cultural Correios, Rio de Janeiro, Brasil. Pequenas Mãos, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil.

1995

2ª Bienal Barro de América. Centro de Arte de Maracaibo Lia Bermúdez, Maracaibo, Venezuela. Rio: mistérios e fronteiras. Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ), Rio de Janeiro, Brasil.

A Infância Perversa: fábulas sobre a memória e o tempo. Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil.

1994

Sob o Signo de Gêmeos, Galeria Saramenha, Rio de Janeiro, Brasil.
3ª Rio Mostra. Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ), Rio de Janeiro, Brasil.
Livro-objeto, Livraria Boucherie Letras e Livros, Rio de Janeiro, Brasil.
Fest Heavy, Circo Voador, Rio de Janeiro, Brasil.

1993

3ª Rio Mostra, Galpão das Artes do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Brasil.
A cerâmica na arte contemporânea, Espaço BNDES, Rio de Janeiro, Brasil.
Uma Rosa É Uma Rosa É Uma Rosa, Galeria de Arte UFF, Niterói, Brasil.
Aura una presencia despues de la obra, Eclectic Gallery, Punta del Este, Uruguai.
Direitos Humanos, Pintando a Solução – homenagem a Hebert de Souza, Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, Brasil.

1992

1ª Bienal Barro de América. Museo de Arte Contemporáneo de Caracas Sofía Imber, Caracas, Venezuela.
Eco-Arte-92 : Expressão Brasil. Espaço Petrobras, Rio de Janeiro, Brasil.
Hoje em Dia... Avenida Brasil, Galeria Nacional Século XX, Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, Brasil.
Mostra Brasileira de Arte: Trabalho e Meio Ambiente,
1º Seminário Internacional de

Trabalhadores e Meio Ambiente, Centro de Tecnologia Mineral, Ilha do Fundão, Rio de Janeiro, Brasil.
Projeto Omame-DF, Brasília, Brasil.
Arte Visita, Sector Cultural de la Embajada del Brasil, Buenos Aires, Argentina.
10 anos da Galeria de Arte da UFF, Niterói, Brasil.
Feira Internacional de Arte - FIAC, Buenos Aires, Argentina.
Ecologia, Rio Mostra, Consulado da Argentina, Instituto Brasil-Argentina, Centro Empresarial Rio, Rio de Janeiro, Brasil.

1991

21ª Bienal Internacional de São Paulo. Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil.
22º Panorama de Arte Atual Brasileira. Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP), São Paulo, Brasil.
Processo nº 738.765-2. Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage), Rio de Janeiro, Brasil.
Rodas, Primeira Rio Mostra, Galeria e Museu da Caixa Econômica Federal, Rio de Janeiro, Brasil.

1990

Mostra de Aquisições. Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ), Rio de Janeiro, Brasil.
Projetos Arqueos. Fundação Progresso, Rio de Janeiro, Brasil.
Armadilhas Indígenas. Complexo Cultural Funarte, São Paulo, Brasil.

Planeta Vida, Terra e Democracia, Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil.
Ciclo de Pinturas e Esculturas, Ateliê

Livre de Petrópolis, Brasil.
Pantanal, Galeria Sadala, São Paulo, Brasil.
29 Instalações na Fundação Progresso, Projetos Arqueos, Fundação Progresso, Rio de Janeiro, Brasil.

1989

O Mestre à Mostra. Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage), Rio de Janeiro, Brasil.

1988

19º Panorama de Arte Atual Brasileira. Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP), São Paulo, Brasil.
Brazil: a group exhibition of contemporary painting and sculpture, organizada por Sergio Tissenbaum. IDC Incorporated, Nova York, Estados Unidos.
Japão - 80 Anos de Imigração Japonesa no Brasil, Fundação Mokiti Okada, Rio Design Center, Rio de Janeiro, Brasil.
Déjaneur sur l'Art, organizada por Frederico Morais, Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil.

1987

Pela Própria Natureza. Galeria de Arte UFF, Rio de Janeiro, Brasil.
Território Ocupado. Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage), Rio de Janeiro, Brasil.
Ecologia – Tradição, Atualidade, Espaço Cultural Petrobras, Rio de Janeiro, Brasil.
Cerâmica: Meeting of Contemporary Ceramists of Latin America, no Everson Museum of Art, Syracuse, Nova York, Estados Unidos.

1986

16º Panorama de Arte Atual Brasileira.

Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP), São Paulo, Brasil.
Encuentro de Ceramistas Contemporáneos de America Latina, Museo de Arte de Ponce, Porto Rico. A exposição itinerou por museus em New York e Chicago, EUA, México, Venezuela, Colômbia e Uruguai
Pela Própria Natureza, na Galeria da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil.

1985

16º Panorama de Arte Atual Brasileira, Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil.
Rio Narciso, na EAV, Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil.
Dia do Artista Plástico, Lagoa Rodrigo de Freitas, Rio de Janeiro, Brasil.

1984

Arquitetura da Terra ou o Futuro de uma Tradição Milenar. Organizada pelo Centro Georges Pompidou, no Musée d'Art Moderne de Paris, Paris, França.
Cerâmicas. Galeria de Arte UFF, Rio de Janeiro, Brasil.
Intervenção Direta – artistas plásticos pelas diretas –,organizada pelo Comitê Pró-Diretas de Ipanema e pela Associação Carioca de Empresários Teatrais, Rio de Janeiro, Brasil.
Pour Celeida, com o pintor Luiz Aquila, Galeria Aktuell, Rio de Janeiro, Brasil.
Rio de cor – segmentos de muro / partes de arte. Pintura no muro do Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil.

1983

17ª Bienal Internacional de São Paulo. Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo,

Brasil.
Uma Rosa É uma Rosa É uma Rosa.
Galeria de Arte UFF, Rio de Janeiro, Brasil.
5º Salão Nacional de Artes Plásticas.
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ), Rio de Janeiro, Brasil.
Oficina de Artes do Fogo, Escola de Artes Visuais, Parque

Lage, Rio de Janeiro, RJ, Galeria Cesar Aché, Rio de Janeiro, RJ, Galeria Babelidú's, São Paulo, Brasil.

1982

3º Salão Paranaense de Cerâmica.
Museu Alfredo Andersen, Curitiba, Brasil.
1º Salão Paulista de Arte Contemporânea.
Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil.
V Salão Nacional de Artes Plásticas,
no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Brasil.
Arquitetura da Terra. Solar Grandjean de Montigny, Rio de Janeiro, Brasil.
I Festival Nacional das Mulheres nas Artes, realizado por Ruth Escobar, Galeria Nova Mulher, São Paulo, Brasil.

1981

HMST: 4 instalações e 4 artistas. Paço das Artes, São Paulo, Brasil.
4º Salão Nacional de Artes Plásticas.
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ), Rio de Janeiro, Brasil.
Projeto Arco Íris, itinerância do IV Salão Nacional de Artes Plásticas, Brasília, DF, Cuiabá, MT, Manaus, AM, Belém, PA, São Luís, MA e Fortaleza, CE.

1980

1º Salão Paranaense de Cerâmica. Museu Alfredo Andersen, Curitiba, Brasil.

37º Salão Paranaense. Teatro Guaíra, Curitiba, Brasil.
1º Salão Paulista de Artes Plásticas e Visuais. Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil.
Cerâmica, Galeria Tempo, extensão da Galeria Saramenha, Rio de Janeiro, Brasil.
O rosto e a Obra nº 6, organização e fotos de Max Nauenberg, Galeria do Instituto Brasil-Estados Unidos, Rio de Janeiro, Brasil.
Galeria Tapeçarte, Rio de Janeiro, Brasil.
1º Salão Paranaense de Cerâmica, Museu Alfredo Andersen, Curitiba, Brasil.

1979

Escultores Brasileiros. Galeria Aktuell, Rio de Janeiro, Brasil. Esculturas, Escola de Artes Visuais – Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil.
Terra, Grande Galeria, Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil.
Eros, Galeria de Arte Aplicada, São Paulo, Brasil.

1978

Feira de Arte, exposição organizada por Mario Pedrosa, Associação Brasileira de Imprensa, Rio de Janeiro, Brasil.

1960

9º Salão Nacional de Arte Moderna.
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ), Rio de Janeiro, Brasil.

1959

8º Salão Nacional de Arte Moderna.
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ), Rio de Janeiro, Brasil.

1955

II Salão Nacional, Organização Nacional

dos Estudantes de Arte, Belo Horizonte, Brasil.
V Salão Bahiano de Belas Artes, Salvador, Brasil.
Gravuristas Brasileiros, em museus da Polônia, Hungria, URSS, Dinamarca, Suécia, Holanda, e Países Baixos

1953

Exposição Anual da Enba. Enba, Rio de Janeiro, Brasil.

Prêmios [Awards]

1953

Prêmio na seção de Gravura da Exposição Anual da Escola Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, Brasil.

1955

Medalha de Bronze na seção de Desenho e a Menção Honrosa na seção de Gravura no II Salão Nacional, Organização Nacional dos Estudantes de Arte, Belo Horizonte, Brasil.
Menção Honrosa no V Salão Bahiano de Belas Artes, Salvador, Brasil.

1980

Menção especial do júri e prêmio de participação com a obra "Fendas", 1º Salão Paulista de Artes Plásticas e Visuais, Fundação Bienal, São Paulo, Brasil.

1981

Menção especial do júri com a obra "Aldeia Funarius Rufus", IV Salão Nacional de Artes Plásticas, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Brasil.

1982

Prêmio especial Gustavo Capanema, com "O Muro" e "Mil Selos", V Salão Nacional de Artes Plásticas, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Brasil.

Coleções públicas [Public Collections]

Coleção David Rockefeller, New York, Estados Unidos.

Fundação Clóvis Salgado, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Museo de Arte Contemporanea Sofi a Imber, Caracas, Venezuela

Museo de Ponce, Piazza Las Americas, San Juan, Porto Rico.

Museu da Terra, Grenoble, França.

Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Brasil.

Museu de Arte de Brasília, DF, Brasil.

Museu de Arte de São Paulo, SP, Brasil.

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Paço Imperial, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Superfície

Créditos fotográficos

Ana Pigosso
Acervo Memória Lage
Acervo Galpão de Arte
do Chapéu da Mangueira
Edouard Fraipont (Cortesia
Gomide&Co)
Gui Gomes
Henri Stahl
Celso Guimarães
Marcia Kranz
Leonardo Ramadinha
Sonia D'Almeida
Vicente de Mello

Gustavo Nóbrega

[diretor, vendas]

55 11 99614 8511

gustavo@
galeriasuperficie.
com.br

Tiê Higashi

[vendas]

55 11 99141 5583

tie@
galeriasuperficie.
com.br

55 11 3062 3576

www.
galeriasuperficie.
com.br

info@
galeriasuperficie.
com.br

Rua Oscar Freire
240
01426 000

São Paulo
Brasil